

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO V — N.º 243 — Domingo, 2 de Fevereiro de 1958

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

EXCELSIOR
As melhores tintas para navios de pesca e de comércio
Telefone 12
Depositário nesta Vila:
MANUEL DA SILVA DOMINGUES

«ESTOU PRONTO A ESTUDAR DE CORAÇÃO ABERTO, TODAS AS QUESTÕES QUE ME SEJAM APRESENTADAS»



— declarou ao nosso jornal o Sr. Dr. MÁRIO ANGELO MORAIS DE OLIVEIRA
ilustre Deputado pelo Algarve

CONSENTIU o sr. dr. Mário Moraes de Oliveira, ilustre deputado pelo Algarve, em receber o representante do «Noticias do Algarve», e fê-lo com a maior gentileza no seu gabinete de presidente da Junta Nacional do Vinho, organismo onde tem desenvolvido uma relevante acção.

O primeiro contacto com o distinto parlamentar deu-nos, desde logo, a confirmação de estarmos na presença de um homem superiormente inteligente.

Conversámos durante largo período de tempo, pois o nosso entrevistado manifestou o desejo de que toda a audiência decorresse em ambiente de franca troca de impressões, sem a secura e a geometria da clássica entrevista, com perguntas e respostas de medidas preparadas.

— Agradeço-lhe, começou por dizer-nos, ter vindo aqui prorurar-me, pois isso me proporciona a oportunidade de endereçar mais uma vez as minhas saudações aos algarvios, que muito prezo e a preço pelas suas magníficas qualidades de trabalho e cooperação.

Ao perguntarmos-lhe se nos poderia fornecer alguns elementos concretos sobre os seus planos de trabalho na Assembleia Nacional, revelou:

O ALGARVE no turismo nacional

— «O Algarve, essa exuberante e maravilhosa região Sul do País, desde que lhe dêem possibilidades de crédito hoteleiro, viria o seu problema turístico resolvido, por ser região servida por linhas e características praias e estâncias, com ótimas ligações rodoviárias e por um clima acessível e pleno de vitalidades climáticas.»

(Do Parecer sobre as Contas Gerais do Estado de 1955, pelo Eng.º Araújo Correia)

O Algarve a Província portuguesa mais meridional, aquela em que o sol, a vegetação, a paisagem, a atmosfera e o clima, se enquadram em ambiente mediterrâneo, de tão velhas tradições de beleza e de cultura.

Forte razão, pois, para se aceitar o Algarve como uma das zonas de turismo de maior interesse, em Portugal.

No seu extenso litoral, banhado pela costa atlântica, batida pelo sol ardente que lembra o litoral mediterrânico espanhol e francês, ficam as numerosas praias que se estendem desde Vila Real de Santo António, isto é, da praia de Monte Gordo, até Lagos, com a praia da Luz, visinha do grandioso, imponente

te e simbólico Promontório Sano — o Cabo de S. Vicente.

A costa algarvia perene de beleza sem par oferece, assim, ao turista, algumas das mais belas praias portuguesas, entre as quais a magestosa Praia da Rocha, onde os sonhos de beleza são realidades de cada hora.

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

DE VEZ EM QUANDO A ESTATUA DO INFANTE

TODOS os dias, no trajecto a que me forçam as minhas funções oficiais, passo ao Jardim de Santos e entrevejo por entre a ramagem do arvoredo a



Cais Comercial de Vila Real de Santo António

ASCENDEU A 53.639 CONTOS durante o ano de 1957

O MOVIMENTO DA PESCA NO NOSSO PORTO

Segundo os números já apurados, o movimento da pesca no porto de Vila Real de Santo António, durante o ano findo, totalizou 55.659.159\$40, assim distribuídos:

Sardinha e biqueirão	59.059.192\$50
Atum das Armações do Algarve	5.130.278\$70
Atum congelado (atuneiro Rio Agueda)	1.208.106\$90
Atum das armações de Marrocos:	45.377.577\$90
Larache — 422.957 Kgs.	2.845.097\$00
Tânger — 591.535 Kgs.	4.159.351\$00
Algecira — 172.406 Kgs.	1.077.557\$50
Port-Lyautei — 25.202 Kgs.	201.616\$00
Total	8.261.581\$50
	55.659.159\$40

Além do importantíssimo valor do peixe transaccionado, que nos

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

A FAUNA HUMANA O AMPARO DA ARTE

A minha mocidade saboreei um livro que não mais o esqueci — «A HOLANDA».

Da pena vigorosa de Ramalho Ortigão, sobressaem desse livro, capítulos descritivos da fauna, da flora e da indústria do pequeno e pitoresco país.

Ramalho, de costela algarvia, foi inalteravelmente um paisagista e um observador perspicaz. As suas análises científicas, literárias ou puramente pessoais, revelam a frescura e a robustez de um temperamento equilibrado e de um espírito independente.

Guerra Junqueiro, após demonstrar

MARGOS ALGARVE

rada leitura de «A HOLANDA», publicou um artigo jornalístico, em que chamava a Ramalho um *reporter gentil*!

Continha dentro de si, esse portuense oriundo do Algarve, o corpo possante de um homem do Norte e a alma artística de um homem do Sul.

Ficou-me pois de longa data, habitando a memória, aquele livro de Ramalho, e uma afectuosa simpatia pelos holandeses.

Mais tarde, no sertão do Congo, travei relações com Carlos Sanders, um holandês que falava sete línguas vivas: holandês, ale-

mão, inglês, italiano, francês, espanhol e português. Além disso, manuseava Astronomia, História, Filosofia e Literatura. Falou-me algumas vezes em Spinoza, um filósofo judeu de origem portuguesa.

Um dia, inopinadamente, perguntei-lhe onde aprendera português e a vasta bagagem científica, filosófica e literária que possuía. A sua pronta resposta foi esta:

— Em uma escola nocturna de

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

Contas Goteas

Por D. MARIA MANUELA NUNES

Não lhes sucede o mesmo?

Antigamente não era assim. Conosco não acontece o mesmo? Antigamente o tempo existia, eu via-o passar, devagarinho, reparava-lhe nas penas frouxas, era uma ave pesada, desgraciosa de movimentos. Aqui há uns anos chegou a parar, vejam só chegou a parar, posso jurá-lo. Não vale a pena trazê-lo à lembrança, foi uma hora sem lágrimas e sem gestos e sem nada dentro, nem ao menos serradura para fazer lastro. Ele diante de mim, hirtó, a fingir de eternidade.

Agora ganhou asas e disse-me adeus. A cada instante me acena com gestos trocistas. Eu fico, reparo que fico sempre, e ele vai. E ri-se como um doido quando pretendo jungi-lo, põ-lo a trabalhar por minha conta, fazê-lo meu pagem... O dia desaparece na manga de algum superhábil prestidigitador. Acordo, fito a janela inchada de tanto sol que extravasa pelas frinças como o azeite num pote demastado cheio. Acordo, ensaio uns passos de ballet. Rodopio vestiginosamente, sentindo o vento raspar-me a fronte como um esmeril violento. E quando volto ao natural e quando vou ensaiar segundo passo reparo que a noite tomou conta do mundo e o meteu o dia debaixo do capote.

Recordo-me bem que ao princípio andei por todo o casarão à procura do dia. Meu Deus! Onde se teria ele metido? E olhava debaixo das cadeiras e procurava nos bolsos do casaco o quinho de lá e remechia no estofado de costura. Em vão! Levou tempo a compreender que a noite o guardava debaixo do capote.

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

UMA CRÓNICA por semana

OS transportes são hoje em dia de importância tão transcendente e vital para a existência de uma nação, que não mais podem ser descurados os problemas que afectem ou impeçam o seu desenvolvimento, e, conseqüentemente, os encargos e obstáculos desnecessários que os atrofiem.

Para além da simples criação de uma empresa e do emprego do seu material circulante, processa-se um todo tão vasto e complexo que uma só especialidade de saber humano não basta para abrangê-lo, encará-lo e resolvê-lo. Os transportes, na actualidade, vão até ao seio das famílias e radicalmente lhe altera os hábitos e condiciona a vida. Ninguém mais pode alhear-se da trajectória de uma locomotiva ou de

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

«Fialho de Almeida Jornalista» — tema de uma brilhante conferência DO ESCRITOR JULIANO QUINTINHA

JULIANO Quintinha, o brilhante escritor e jornalista algarvio, preferiu, na passada quarta-feira, na Casa do Alentejo, uma notável conferência subordinada ao tema «Fialho de Almeida, jornalista», e integrada no ciclo comemorativo do centenário do ilustre escritor alentejano, promovido pela Sociedade Portuguesa de Escritores.

A apresentação do conferencista foi feita por Ferreira de Castro, que presidiu à sessão, ladeado pela sr.ª D. Matilde Rosa Araújo e pelo ensaísta Roberto Nobre.

Perante um numeroso auditório, em que avultavam escritores, jornalistas e admiradores do orador, Julião Quintinha começou por referir-se à personalidade complexa de Fialho, «sensível e orgulhoso tímido e violento, criador de um caprichoso estilo. O maior escritor da planície e dos costumes alentejanos — disse — prendeu-se, também, à alma nocturna de Lisboa. apaixonado pelo drama

social dos pobres e humildes, trazendo do lado das vielas as pérolas que ainda brilham na sua obra literária. Reconhecendo que a mais elevada impressão do grande prosador era a de contista, afirmou que foi como jornalista que o seu nome e obra alcançaram maior projecção. Referiu-se aos jornais da província e de Lisboa, onde Fialho colaborou, e evocou a época tumultuosa de

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

QUADRA
TU SEM SABER T'ENGANAVAS QUANDO T'EU NÃO, ME DIZIAS. JULGANDO QUE NÃO ME AMAVAS. HÁ MUITO TU ME QUERIAS.
D. R.

HOSPITAL DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA de Vila Real de Santo António

Movimento do 2.º Semestre de 1957 do Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Vila Real de Santo António.

Consultas	976
Tratamentos	3.586
Intervenções de pequena cirurgia	225
Internamentos	185
Internamentos na Maternidade	65

Movimento de consultas de cirurgia a cargo do distinto médico-cirurgião dr. António Henrique Balté:

Consultas	74
Operações:	
Histerectomias	5
Hernias	5
Apendicectomias	11
Tiroidectomias	2
Outras	16
Total	55

Visado pela Comissão de Censura

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Vindo de Paço de Arcos, encontra-se nesta vila, o nosso prezado amigo e assinante sr. José Afonso Correia Castanheira.

Com pouca demora encontra-se nesta vila o nosso estimado amigo sr. Hugo Celorico Drago, residente em Lisboa.

Foi promovido para Furriel das Forças Aéreas, o nosso prezado assinante sr. Armando de Jesus Cavaco Roberto.

Esteve nesta vila, tendo já regressado a Lagos, onde reside, o nosso prezado assinante sr. José Pedro Delgado.

"BARCO SEM LEME"

DO DR. NOEL DE ARRIAGA

O poema de sempre! Noel de Arriaga uma vez mais a afirmar a voz firme e enternecedora de poeta! A literatura infantil é em Noel de Arriaga um dos seus belos temas. O poeta da saudade é neste livro de poemas «Barco sem Leme» a emoção que nem as trágicas ondas da vida conseguem destruir. Uma poesia viva e bem descritiva: São poemas a oferecerem uma maior recordação por Cesário Verde.

Declive

Palavras que me ensinaram (Orações e cantilenas) Lá da minha adolescência) Esqueci-lhes a pronúncia.

Ter asas e não voar Eis a suprema renúncia!

Segredo

Afastou-se o navio. E o cais ficou Envolto da distância. Nem um queixume, nem sequer um gesto De revolta ou ansia.

Afastou-se o navio. Ó marinheiro Da bússula a oscilar em mão tremulenta: Nos teus olhos flutua a mágica presença De dois adolescentes!

Comigo escutaste A voz do naufrágio; Comigo sorriste Da fome e do medo, Perdidos os dois No mesmo segredo.

O leme cortou As águas tranquilas; Neste meu deserto Quem me dera ouvi-las!

Marinheiro dos ombros cor de bronze, Leva-me contigo: Na silenciosa Aventura Serei teu inimigo!

Tédio

Já todas as palavras foram ditas Todos os gestos foram esboçados, Desbaratados os contos Dos meus longínquos condados!

Poemas sinceros a contarem-nos uma união de sentimentos. Uma lirica a corresponder ao cunho de um grande poeta. Noel de Arriaga, o poeta de sempre, é neste livro «Barco sem Leme» a nau donde se esperam novas obras que sempre apetece ler. São na verdade poemas diferentes! E a obra de Noel de Arriaga adensa-se num estilo que valoriza a nossa literatura.

Francisco Gota

Vilarealenses, amigos do Lusitano, colaborem na Campanha dos 1.000 códiços

trepida mais nos carris do éter do que a geringonça de Stevenson. Eu não suporto aquilo, sinto náuseas e vertigens. Tudo com um ar tão compenetrado, ninguém gosta mas ninguém se atreve a pedir, a implorar que mude de posto...

Importante, o homem. A certa altura os ruidos são tais que ele próprio se resolve a cortar a colecta. O silêncio cai do alto, pesado como um martelo. — Custou-me 30 dolars! — diz para um companheiro que o fita com olhos entre submissos e velhacos.

O que eu suponha. Americano. Importante. Vai para uma festa, para o Santo Antão, parece. E que feliz! Quanta vez, lá pelos Chicagos no seu ganha-pão, terá sonhado com aquela festa, com a terra boa de baixo dos pés, com a sua gente lado a lado... Não me é simpática, a figura. Vejo-a alienada, tanto se lhe dá como se lhe deu, dolars e o resto são cantigas, a sorte da sua gente lá da aldeia é-lhe tão indiferente como a chuva que tombou há cem anos. Gente que ele já foi e já sofreu... Não me é simpática. Bem, mas está contente, está feliz na terra onde possui muitos hectares e aonde um dia espera ter des palmos para se deitar. Algo nos liga, afinal. Algo nos aproxima. Alga acima dos hectares e dos dolars e do mais. Qualquer coisa que enraísa directamente do coração e nada consegue anular. Só o aparelho de rádio, berrão, nos separa. Abre-o agora novamente onde uma voz deserra um fado. Sinto-me perdida. Acabo por me debruçar na janela.

Maria Manuel Nunes

Mensagem de Salazar AOS PORTUGUESES DA ÍNDIA

Durante a sua recente visita a Lisboa, a locutora goesa Telma Rocha recebeu do sr. Presidente do Conselho uma mensagem dirigida ao povo do Estado da Índia. Radiodifundida, no dia 1, pela Emissora de Goa, essa mensagem é do seguinte teor:

«Não tendo um momento para proceder à gravação de algumas palavras, peço-lhe que transmita por sua boca a todos os Goeses vivendo aquém e além-fronteiras do pequeno Estado da Índia a calorosa saudação que lhes envia o Governo português.

Diga a todos com a sua maior força e convicção, que avalio bem e tenho sempre presente o sofrimento que a muitos tem causado a inteira fidelidade a Portugal, obrigados a levar a vida paredes-meias com uma nação que pela sua grandeza e interesses no Mundo não devia afastar-se nunca, como tem feito em relação a Goa, daquelas normas de convi-

vência pacífica que a todo o momento invoca e tão bem soube formular em várias oportunidades.

Diga-lhes que nos admiramos com a estranheza causada em muitos pelo nosso comportamento, pois ele não quer dizer senão que Portugal tem de estar e está onde um Português precise de ser apoiado ou defendido.

Nem uma nação pode ceder, por comodismo, abandonando a coíça alheia a carne da sua carne, como farrapos de um velho manto. Enquanto vive, defende os seus, como uma mãe defende os filhos.

Diga-lhes, por fim, que o nosso maior empenho é estarmos certos de que cumprimos em Goa, como em toda a parte, o nosso dever, não cuidando saber quanto custa ou se ele supera a própria vida».

PORTIMONENSE EM FESTA

Hoje, no Estádio Portimonense, realizar-se-á o jogo «Coruchense-Portimonense», que a todos os títulos revela grande expectativa e interesse. Dada a maneira simpática como a vila de Coruche tem recebido os jogadores e dirigentes do Portimonense S. Clube, quando das suas deslocações àquela vila Ribatejana, o Portimonense decidiu prestar hoje uma homenagem ao clube ribatejano, patenteando-lhe assim a sua estima e gratidão.

PROVINCIA

TAVIRA

Ainda a escola técnica A fim de renovar o pedido, já apresentado em tempo de criação duma escola comercial e industrial em Moura, uma comissão constituída pelo presidente da Câmara Municipal daquela vila, governador Civil de Beja e deputados por este círculo foi recebida pelo Ministro da Educação Nacional, que prometeu a satisfação da aspiração formulada pela população de Moura logo que as dotações orçamentais o permitam. Como constantemente se fala em Tavira sobre o mesmo assunto, bom seria que se formasse uma comissão, que levando à frente autoridades desta cidade, fosse a Lisboa pedir tal escola, porque o debate nos jornais locais, não dá nada.

CHÁVENAS DE CAFÉ QUASE AMARGO

Pelo Dr. ORUZ MALPIQUE PRAZER DE PUNIR

Para quem goza com a função de punir, aparecer-lhe alguém que tenha razão, é um vivo desgosto. Que alguém tenha razão é, para esses tais, uma odiosa transgressão. Gostariam que o mundo fosse um imenso banco de réus, estando eles ao alto num banco de juiz que não perdoa.

CONVERSA E VINHO

Há conversadores que não podem conversar a seco. Em boa verdade, bebem mais do que conversam, ou a conversa deles só começa na altura em que se encontram entre dois vinhos: um que já entrou, copiosamente, e outro que espera vez...

CAUSAS INCONFESÁVEIS

Nascem ódios, à primeira vista, como nascem simpatias. Geração espontânea? Impossível. Só a semente pode gerar planta. Volte-se para dentro, o que odeia, debruça-se sobre si mesmo, num exame bem perscrutador, e encontrará o porquê do seu ódio. Não há efeito sem causa. Procura e acharás.

Esse ódio pode ter causas confessáveis e causas inconfessáveis. Nas inconfessáveis, pode entrar, por exemplo, a inveja. Efectivamente, quem quer aí confessar que odeia alguém por inveja?

QUE DETI SE POSSA DIZER...

Não manches, nem te deixes manchar. Que de ti se possa dizer:

A vida o feria—mas não o manchou.

Rolou no mundo das protérvias, e estas lhe desligaram por cima, como água por lombo de cisne.

Dormiu em todas as espeluncas, e ficou com a pureza do arminho.

O corpo convidou-o para todos os pecados — mas a sua alma nunca perdeu a pulcritude.

Foi como rato de estrela que desceu ao pantano, mas não se contaminou.

A vida deu-lhe náuseas, mas nunca o tornou vil.

PORTO RAINHA SANTA ATÉ OS ANJOS BEBEM!... RODRIGUES PINHO & C. Vila Nova de Gaia

As mais lindas Rosas de Portugal As mais famosas árvores de fruto PLANTAL AS NOSSAS ÁRVORES E COLHEIROS OS MELHORES FRUTOS

pelo Ministro da Educação Nacional, que prometeu a satisfação da aspiração formulada pela população de Moura logo que as dotações orçamentais o permitam. Como constantemente se fala em Tavira sobre o mesmo assunto, bom seria que se formasse uma comissão, que levando à frente autoridades desta cidade, fosse a Lisboa pedir tal escola, porque o debate nos jornais locais, não dá nada.

Chuva, frio e inundações

Na passada quarta feira, choveu o dia inteiro, havendo inundações nos sítios do costume. O rio Gilão que atravessa a cidade trazia enorme corrente, com muitos frutos a enxurrada que da serra vinha. Por motivo de ter havido inundações na região do Almagem teve interrompida ao trânsito a passagem para Vila Real de Santo António, não se realizando algumas carreiras de transportes colectivos. Mais uma vez verifica-se a grande necessidade da reparação de estrada nacional, que há cerca de 3 anos se encontra no mesmo estado.

Bailes de Carnaval

Já estamos a 29 de Janeiro e ainda não estão anunciados bailes de Carnaval nas sociedades locais, o que é para extranhar, tanto mais que este ano o Carnaval é pequeno. De facto diz-se que o entrudo começou em 20 de Janeiro, mas nem por sombras se vislumbra o mesmo.

NOVA MARCA DE RELÓGIOS

O relógio é um objecto indispensável a toda a gente. Mas quem o precisar adquirir, deve escolher o melhor e o mais acessível no preço.

O relógio da marca «TELMAR» satisfaz a todos estes requisitos. pois é um relógio de categoria, elegante e resistente, que rivaliza com os melhores. Recomendamo-la, pois, aos nossos numerosos leitores, que ficarão muito bem servidos com ele, não só pela apurada técnica empregada na sua construção, como pela sua elegância e resistência.

Nos escritórios — depositários, na Praça dos Restauradores, 55-56, em Lisboa, também podem ser adquiridos os das marcas «JAGJEX» e «HELLER», assim como os despertadores da marca «VALDI», carrilhões e braceletes, como vários materiais para consertos, etc.

Adquirir qualquer destas marcas é fazer uma boa aquisição. Todas as boas relojarias têm à venda os magníficos relógios «TELMAR» — e siga o nosso conselho; compre um relógio «TELMAR»!

SANTA FILOMENA

Em Mouquim (V.ª N.ª de Famalicão) foi erigida uma capela dedicada a Santa Filomena e a sua inauguração teve lugar em Agosto último.

Mouquim pode orgulhar-se de ser a primeira terra, onde por iniciativa do pároco Sebastião Campos e a participação generosa dos devotos, se ergueu a primeira capela em honra da mártir e milagrosa santa. Agora, o Rev.º Sebastião Campos pretende fundar um Orfanato, dedicado a Santa Filomena, para crianças e velhinhos, e pede aos devotos da milagrosa Santa que o auxiliem nesta tarefa humanitária.

Na capela de Santa Filomena existe uma preciosa relíquia da Santa, e ali se diz missa todos os domingos às 11 horas.

Qualquer donativo pode ser enviado ao Rev.º Sebastião Campos, Mouquim (V.ª N.ª Famalicão).

RAFAEL ALMEIDA SANTOS TRATA DE TODA A DOCUMENTAÇÃO PARA AUTOMÓVEIS, EXAMES E TROCA DE CARTAS MILITARES. INFORMAÇÕES GRATUITAS. AGÊNCIA MAIS CONHECIDA NO SUL DO PAÍS.

AGENDA

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 25 a 31 de Janeiro:

Entrados: RIMBERG, Alemão, de 1.212 ton., de Leixões, vazio. MARIA CHRISTINA, Português, de 549 ton., de Lisboa, vazio. CORVO, Português, de 775 ton., de Lisboa, com carga em trânsito. MIRA TERRA, Português, de 562 ton., de Lisboa, vazio. ZE' MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio. SHELL ONZE, Português, de 558 ton., de Lisboa, com combustíveis líquidos. Saídos: RIMBERG, para Roterdão, com minério. MARIA CHRISTINA, MIRA TERRA e ZE' MANEL, para Lisboa, com minério. CORVO, para Ponta Delgada, com sal. SHELL ONZE, para Lisboa, vazio.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 1 a 7 de Fevereiro a Farmácia, SILVA, Rua Miguel Bombarda — Telefone, 64.

GARTAZ DA SEMANA

CINE-FOZ

Hoje, A SOMBRA, o drama imortal de Nicodemí, magnificamente interpretado por Marta Toren, Pierre Cressoy e Paolo Stoppa.

Terça-feira, com John Payne e Rod Cameron, o esplêndido filme MASSACRE TRAIÇOEIRO.

Sexta-feira, em Vista Vision, PARIS PALACE HOTEL com Charles Boyer e Frçoise Arnoul.

BAILES DE CARNAVAL

Lusitano Futebol Clube — Hoje, pelas 22 horas, com a orquestra «ESTRELA DO SUL».

Quinta-feira, pelas 22 horas, com a mesma orquestra.

Glória Futebol Clube — Hoje, pelas 22 horas, com o conjunto «ARCO-IRIS».

FALECIMENTO

D. Gertrudes do Carmo Valongo

Após prolongado sofrimento, faleceu, no passado dia 26, pelas 11,30, a sr.ª D. Gertrudes do Carmo Valongo, de 79 anos, natural de Portimão onde residia, viúva do saudoso zelador da Câmara Municipal de Portimão, sr. Emílio Duarte Valongo.

A extinta, pessoa de bons sentimentos e figura muito conhecida em toda a cidade, era mãe da sr.ª D. Ana do Carmo Valongo Rodrigues, e dos srs. Salvador Valongo, despachante oficial e Armindo Duarte Valongo; e avó das sr.ªs D. Anabela Camarinha Valongo; D. Maria Augusta Valongo Rodrigues Silva; D. Olga Valongo Rodrigues Ribeiro; e dos srs. José Valongo Rodrigues e Emílio Duarte Valongo Rodrigues (Emílio Valongo), residentes em Lisboa, e do menino Emílio Joaquim Valongo.

O funeral realizou-se na pretérita segunda-feira, pelas 15 horas, onde se incorporaram numerosas pessoas.

O «Notícias do Algarve» apresenta sentidas condolências a toda a família enlutada e em especial ao sr. Salvador Valongo, nosso estimado assinante em Portimão, e sr. Emílio Valongo, nosso dedicado colaborador na Capital.

Conta Gotas

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA) te e mo não entregaria por nenhum suborno deste mundo. Digam-me: não lhes acontece o mesmo?

Tal qual os passarinhos

Mas a convivência com as pessoas é que leva ao melhor conhecimento delas. Com as pessoas, com as coisas, com o tempo... Ao tempo acabou eu por descobrir as manchas. Faço-me rasteirinha, tal a era c-dretra.

Ele não toma conta de mim e deixa-me, por vezes, esquecida, a saborear umas migalhinhas que me sabem a ginjas. Vivo de migalhinhas, de quase-nadas. Encho delas a sacola, com grande raiva do tempo que não tem forças para ma tirar.

Vou no comboio em viagem de algumas horas. Há pessoas que não apreciam o comboio, não aguentam os solavancos que proporcionam uns minutos de solidão, de sem-nada-para-fazer. Eu, não. Aconchego a manita nos joelhos escondo-me ao cantinho como uma feira e aprendo as pessoas, aprendo a paisagem, encho a sacola com as migalhinhas que o tempo me deixa... Ele a pensar que me fuge, que me fuge tanto como — ou mais depressa — o comboio fuge aos arbustos do campo. E eu a rir-me, à sucapa, a debicar na esteira dele como os passarinhos na esteira do vento!

Que sel eu?

A mãe com o menino ao colo. Eu se fosse poeta havia de aproveitar este motivo. Ela é baixa, magrinha, um palmo acima de boneca. Lenço amarrado na cabeça. O menino é parecido com ela, testa baixa, no nariz achatado. Resinga, de fome. A mãe tira um tacho com açorda começa a dar-lha com uma colher escura. Mastiga ela primeiro a açorda e depois é que a serve. A maneira das pombas. Vou dizer-lhe que não faça aquilo. Vou dar-lhe aqui uma lição de puericultura. Mas não digo nada. E' capaz de me perguntar o que percebe a madame daquilo. Ou não dirá nada. Olhará talvez para as companheiras do rancho com aquele melo sorriso dos camponeses que fere como uma navalha toledana. Não digo. Para já, para lá, o poema que estava a formar-se em mim, foi-se à diátria. Por um nada se vive, por um nada se morre. E se soubessem depois como fiquei às tuvas comigo mesmo! Não soube defender o meu poema, o meu filho. Que sel eu, afinal, de puericultura mais do que esta camponesa de testa baixa, chilreando ao filho e contagiando-lhe milhões de bacilos?

Raízes no coração

Entrou e todos olharam para ele. Alto e vermelho do sol, do vinho e da carne. Todos olharam para ele. O homem não pareceu ficar muito admirado. Natural que o fizessem. Sustenta nos joelhos um aparelho de rádio, a pilhas. Importante, com o seu aparelho de rádio. Os que subiram com ele sugerem que ponha a galta a tocar. Espalma a gadanha num «esperem»!, autoritário e logo que o comboio se deita a galope, abre as goelas ao bicho. Uma qualquer coisa americana, algo anti-diluviano, música de Niágara,

RADIOTÉCNICO Precisa a ELECTRO VITÓRIA Rua Santa Isabel, 70 — PORTIMÃO

PROPRIEDADE Vende-se no sítio do «Muro» freguesia de Vila Nova de Cacela com 120 alqueires de terra de 1.ª, toda arborizada com vinha, casa para donos e para o caseiro, ramadas para vacas, cavalariças, armazém para celeiro, um silo subterrâneo e poço. Quem pretender, dirija-se à Redacção deste Jornal, ao N.º 20, em carta fechada.

Declarações ao nosso jornal pelo sr. dr. Mário Angelo Moraes de Oliveira

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA)

nos que o seu principal interesse seria conduzir a sua acção de harmonia com os legítimos desejos da Província, e, para conseguir tais propósitos, estava pronto a estudar, de coração aberto, todas as questões que lhe fossem apresentadas.

—E' claro, esclarece, há sectores hoje ligados à minha especialização que penso tratar mais a fundo, mas não fugirei a considerar quaisquer outros.

E acrescenta: — Por exemplo, acarinho a ideia de ser útil ao Algarve no campo turístico. Conheço bastante as suas deficiências e as coisas boas, estando convencido da possibilidade da valorização do Algarve nesse importante sector — para a resolução do qual, aliás, entendo serem necessários planos nacionais, sem prejuízo, ao contrário, dos regionais. O Turismo, presentemente, está a ser organizado, em todo o mundo, com inter-relações e em colaboração com os grandes «trusts» hoteleiros, que podem manobrar e dirigir grandes massas de viajantes de acordo com épocas e locais. Só há a lucrar, portanto, em integrar o Algarve em tudo quanto, nesse sentido, se planificar no conjunto nacional.

E, decorridos mais alguns momentos de conversação, deixámos o gabinete do sr. dr. Moraes de Oliveira, com a certeza de que nele ficava alguém em quem os algarvios podem e devem confiar.

Júlio Padesca

Tive o sr. dr. Mário Moraes de Oliveira a gentileza de oferecer ao «Notícias do Algarve», com amável dedicatória, o texto do discurso eleitoral que proferiu em Faro. Porque o mesmo contém matéria que constitui oportuno complemento às declarações feitas ao nosso redactor-delegado em Lisboa, transcrevemo-lo, em parte, seguidamente:

NÃO me cabe, a mim, dizer por que motivo faço parte do elenco dos candidatos a deputados pelo círculo eleitoral de Faro.

Posso apenas afirmar a este respeito, que não só o amável acolhimento que me dispensaram os círculos políticos locais, mas ainda o facto de conhecer e viver de perto, através das funções públicas que exerço, alguns dos problemas económicos algarvios, influíram seriamente na minha aceitação da candidatura por este círculo.

Aliás, compreendo que a condição de deputado à Assembleia Nacional não implica necessariamente uma vinculação directa a certa terra ou lugar.

O sentido de representação política nacional reside, em meu entender, na interpretação combinada e harmónica dos factores regionais e nacionais.

Uns e outros desses factores actuam no fenómeno político e devem, por isso, manter entre si recíproca influência, já que os problemas dos nossos dias, pela sua ordem de grandeza e transcendência, raramente podem ter resolução no estreito quadro de um compartimento regional.

E isto não se passa só adentro das nações, mas até no plano da própria comunidade internacional reconhecida, como está, que é indispensável estabelecer íntima cooperação entre os povos de civilização, a fim no sentido de procurar e encontrar, à escala das grandes regiões geográficas, as soluções económicas e sociais, que, de outro modo, jamais se conseguiriam atingir.

E' por isso que, mais do que nunca, importa fazer robustecer a unidade nacional, como expressão da presença coesa da nação portuguesa, proporcionada à ordem de importância dos problemas e dos factores que actuam no quadro internacional.

Para que assim se proceda é preciso, mais do que em qualquer outra época, «chamar» ao plano nacional os problemas regionais, buscar afanosamente a sua coordenação, na sistemática consideração de que a particularidade local não pode perder-se no divisionismo da sua consagração estática. E' necessário sim imprimir-lhe vida, expressão, projecção, dinâmica.

Mas para isso torna-se indispensável dar-lhe enquadramento apropriado, quer nas instituições políticas, quer nas de carácter administrativo.

Se assim se não proceder, é certo que, na hipertrofia da consideração do factor colectivo, se pode perder, por diluição, o respeito, a indispensável consideração do factor humano, que é ter-

mo de inestimável valor no clima político de uma comunidade cristã.

Fazer subir, passe a expressão, à eminência do plano nacional as questões regionais não é todavia reproduzi-las no seu particularismo, é superiorizá-las na sua expressão humana, é proporcionar-lhes uma perspectiva capaz de harmonizar a generalidade e a particularidade, procurando sensibilizar de conteúdo humano o primeiro termo, ao mesmo tempo que fazendo participar o segundo na consciência e no reconhecimento do interesse geral.

Com esta pequena nota introdutória pretendo tão somente assinalar a atitude de princípio em que me fundei para aceitar a minha candidatura por esta boa terra algarvia, tão expressiva no seu carácter local, como portuguesa na sua projecção nacional.

Honrar-me-ei por isso de mecer o vosso mandato, que desempenharei na consciência de que me incumbe zelar pelos vossos interesses, sentir e viver os vossos problemas peculiares.

E para isso podem os meus eleitores estar certos de que, em mim, encontrarão sempre quem está disposto a ouvi-los atentamente e a falar-lhes com aquela franqueza que é, afinal, timbre inconfundível do vosso temperamento e do vosso carácter.

E' que as questões que se levantam nos nossos dias, pela sucessão vertiginosa dos factos e dos acontecimentos, suscitam profundas apreensões sobre o futuro do Homem e do Mundo.

Mais do que nunca a vida — e é bom não esquecer que a política é justamente a vida — exige detida reflexão, para que se possam interpretar harmonicamente os factos à luz de uma ordem de valores morais que permita conformar sucessivamente as políticas dos governos no sentido de evitar soluções de continuidade na acção e realização.

Perante este estado de coisas, tem de se reconhecer que toda a agitação política dispersiva trás necessariamente a perda da potencialidade criadora e realizadora dos regimes políticos.

Mas olhemos, justamente, a este propósito um aspecto particular da estrutura do Regime político português:

Quero referir-me ao problema corporativo, que constitui a trave mestra do Regime político português, problema esse que sempre tenho vivido e sentido no quadro da vida económica.

Há pessoas, do que pretendem agora, como quem encontra um novo rumo do seu pensamento, contrapor o cooperativismo ao corporativismo considerando-os, entre si, termos antagónicos.

Ora o certo é que o cooperativismo se situa num plano a bem dizer subjacente ao do corporativismo e nada tem de contrário a este, quando se mova num sentido de agregação voluntária.

O primeiro visa essencialmente um nucleamento das actividades económicas no sentido de proporcionar não só melhor dimensão às unidades produtivas, mas também a aproximação dos interesses similares em ordem a imprimir-lhes uma acção comum e convergente, em vez de individual e divergente.

O segundo, isto é, o corporativismo, que constitui um superestrutura essencialmente representativa, tem finalidade diversa, qual seja a de facultar às actividades económico-sociais um quadro orgânico representativo destinado a traduzir e a exteriorizar, num plano de responsabilidade política e jurídica, a problemática e as reivindicações peculiares de cada sector.

Mas há quem diga, sei-o bem, que o nosso corporativismo não é de associação, mas antes abusivamente dirigido pelo Estado.

Parece-me destituída de qualquer fundamento esta afirmação. E' o Estado que cria — e só ele pode criar — as condições jurídicas e o respectivo processamento de agregação das actividades afins.

E quando assim actua não contraria a ordem dos princípios básicos da nossa concepção da vida, antes contribui decisivamente para fortalecer o direito de representação da vida activa nacional.

Não pode constituir uma ingerência abusiva do Estado no plano social e político, o seu papel estimulador, incitador da agregação humana em redor das grandes actividades nacionais.

Se assim procede, o Estado Corporativo visa justamente a promover o movimento de associação, contrariando algumas vezes, é certo, posições de exacerbadismo individualismo, tão frequentes nas comunidades latinas.

domínios da onnipotência e da omnisciência.

Quero, portanto, com isto dizer que o corporativismo representa um meio de limitar o livre exercício do poder estatal.

O nosso Estado Corporativo revela, ao proceder assim, um alto respeito pela vida activa no plano da empresa e do trabalho, vida essa que quer ver projectada, em todo o seu poder criador, num sistema orgânico, concebido com o objectivo de responsabilizar progressivamente a representação, proporcionando-lhe mais amplas perspectivas do interesse comum e geral, à medida que se aproxima do vértice da respectiva hierarquia.

O Estado, que actua nestes termos, aliás em plena conformidade com os princípios constitucionais que o regem, demonstra assim uma extrema isenção e uma singular confiança na sua autoridade técnico-económica, pois terá necessariamente de deifrontar, no campo dos problemas concretos da vida nacional, as forças a que ele próprio deu alento, segundo um esquema que prossegue um diálogo e, por isso mesmo, presuppõe um interlocutor qualificado — a Nação corporativamente organizada.

Mas a função do Estado Corporativo não se limita apenas a criar essas condições formais de associação corporativa.

Tudo aquilo que referi e que já é muito no domínio político — porque a política de hoje pede, exige mesmo, incansável labor construtivo para buscar e encontrar as soluções que servem o bem comum — não dispensa ainda que o Estado active o ordenamento das estruturas económico-sociais. E isto com o objectivo de imprimir à finisomia da comunidade nacional um sentido de expansão, de equilíbrio e de harmonia capaz de servir a Justiça, a Segurança e o Bem Estar.

Neste campo podem encontrar-se em plena consonância o cooperativismo e o corporativismo.

E nenhum outro regime como o corporativo proporcionou mais expressivamente a vitalidade e o florescimento do cooperativismo.

Inúmeros exemplos poderiam ser apontados no caso português. Nesta matéria podem até depor os próprios algarvios.

Há quem afirme ainda que o corporativismo constitui a expressão de um processamento ultrapassado.

Ainda aqui não têm razão os seus opositores.

O corporativismo, na essência dos seus princípios, reveste mesmo a maior actualidade e constitui uma exigência incontroversa do mundo livre.

E' claro que não está em causa a própria nomenclatura em si, nem a rigidez pragmática do sistema. Acho mesmo que isso não deve fazer suscitar a divisão entre homens de boa vontade.

(Conclui no próximo número)

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

“FIALHO DE ALMEIDA JORNALISTA”

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

«Os Gatos», durante o qual o panfletário manteve violentas campanhas políticas contra o regime monárquico. Ocupou-se o escritor — disse — de temas literários e artísticos e de problemas nacionais, afirmando-se um crítico impressionante, nem sempre isento de paixões, e um crónista de primoroso recorte, em que a ironia graciosa ou mordente, alternava com as impressões dramáticas colhidas nos bairros de miséria e nas desventuras do povo. Referindo-se às injustiças e incoerências de Fialho, o conferencista recordou o azedume dos seus artigos sobre Eça de Queirós e Guilherme de Azevedo, afirmando que ele, ao contrário, sempre manifestara a maior admiração por João de Deus, Camilo, Herculano e outros escritores.

Depois de evocar a grande crise de Fialho, em 1895, que o levou a abandonar Lisboa, Julião Quintinha, dissertou sobre a vida do escritor como homem de trabalho, depois do seu casamento com uma senhora de Cuba, e das suas atribuladas actividades, com passagem pela política, sem, contudo, deixar de colaborar, de vez em quando, nos jornais.

No final da sua brilhante conferência, Julião Quintinha recebeu, da assistência, uma vibrante e demorada salva de palmas.

O MOVIMENTO DA PESCA NO NOSSO PORTO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

coloca num dos primeiros lugares entre todos os portos de pesca do País (pois, ainda no ano anterior, só fomos ultrapassados por Matosinhos), não deixa de ser impressionante a verba respeitante ao atum comprado nas armações de Marrocos, pela manifesta insuficiência das armações da costa algarvia para abastecer as necessidades de laboração deste centro industrial. O problema, que se reveste de aspectos graves, e que já tem sido largamente debatido nestas colunas e noutros jornais algarvios, merece a cuidadosa atenção das entidades responsáveis pela economia nacional, a quem compete promover a sua solução.

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o país.

VENDE-SE

Barco construído em 1957. Comprimento 16,30; Boca 4,66; Pontal 1,77. Equipado com Motor DEUTZ 110 HP. 450 r/m.

Popa redonda, com 2 porões. Optimo para a costa de Marrocos.

Trata: SÉRGIO & DIAS, Lda.

PORTIMÃO



DESPORTO FUTEBOL

Campeonato Nacional II Divisão (Zona Sul)

Farense, 6 — Portalegrense, 1

Um desafio que a principio parecia difícil redundou quase em goleada, não tendo esta aparecido por os dianteiros locais não forçarem o ritmo do jogo.

O Portalegrense começou a partida em bom plano, não só a dar réplica, como comandando com decisão, em bom conjunto, especialmente através de Bigares, Ribeiro e Brito. Apareceu assim, sem grande esforço, o primeiro tento da partida, com os locais a consentirem na ascendência da equipa visitante. Tudo foi, no entanto, sol de pouca duração, numa tarde cinzenta, porque a dardir do quarto de hora a partida romou nova feição. Os donos do terreno entraram insistentes ao ataque e os alentejanos acatellaram-se mais na defesa, chegando mesmo a recuar, nessas tentativas, os seus onze elementos.

Vieira abriu, então o activo dos «alvi-negros» e o jogo, como por encanto, desemperrou-se, começando a desenhar-se no terreno jogadas abertas, pelos extremos, com passes em profundidade para Armando dos mais reaçados jogadores da equipa, e Queimado.

Na ligação entre os dois sectores estiveram no domingo Francelino e Bento, dando especialmente o primeiro uma continuação de boas exhibições e ambos perfeitamente integrados no ritmo da equipa, enquanto Vieira passou ao lugar de interior.

No decorrer do segundo tempo, apesar da prematura «entrega» do Portalegrense, continuaram estes a lançar alguns contra-ataques, explorando a velocidade de Almeida, que levava a melhor na antecipação dos lances a Paiva, criando eminente perigo e merecendo melhor sorte um «tiro» potente de Brito que Isaurindo não segurou e a barra devolveu.

Beja, 1 — Olhanense, 3

Como o título indica, venceu a melhor equipa, em todos os capítulos. Logo nos primeiros momentos de jogo se verificou que o Olhanense se apresentava com melhor fio de jogo e maior poder físico, e foi este último factor que lhe deu a vitória, pois à parte dois ou três jogadores, o Beja mostrava-se incapaz de disputar com êxito o esférico ao adversário. A sua linha atacante

poucas vezes conseguiu levar a melhor contra a forte e aguerrida defesa algarvia.

Os bejenses podem queixar-se de que lhe faltou o seu melhor jogador (Neiva) e ainda do facto de Eloi se ter inferiorizado no começo do jogo. Em parte, isto pode servir de atenuante, mas não justifica o péssimo trabalho global da equipa. Não basta saber jogar e ter vontade; é preciso também ter força para lutar durante os noventa minutos de jogo. E foi isto que a equipa bejense nunca teve.

Em contrapartida, o Olhanense impôs um jogo em que predominou rapidez, vigor e poder de antecipação, o que lhe valeu o comando do jogo por largos períodos. Apenas lhe notámos na sua boa linha atacante grande falta de remate. A equipa joga e cria oportunidades, faltando-lhes, porém, concretizá-las.

Nos locais é difícil citar nomes. Todos quiseram fazer muito mas a verdade é que apenas puderam produzir pouco. Sobressaiu, porém o trabalho de Apolinário, Madaleno e Farinho.

Nos visitantes toda a equipa esteve bem. Um apontamento para o bom trabalho dos seus dois extremos.

Atlético, 4 — Portimonense, 3

O desafio, no aspecto técnico, esteve longe de corresponder à expectativa, os lisboetas actuaram francamente mal, sempre com a bola pelo ar, com um grande corredor descoberto pelo centro do terreno, onde qualquer dos elementos que ali actuaram não soube cumprir a missão de que estava incumbido. Uns por lentidão, outros por inépcia. Salvou os alcantarenses a maneira «codiciosa» como alguns deles se empregaram, procurando à custa de energia suprir as deficiências dos companheiros. E nesse pormenor, Líqui, Pereira e per vezes Legas foram os mais esforçados.

A equipa jogou sem qualquer plano táctico e o seu orientador somente nos derradeiros dez minutos, quando o Atlético vencia por 4-3, resolveu anular as deficiências registadas na zona central da defesa, fazendo recuar Orlando para esse lugar. Todavia, os alcantarenses mereceram o triunfo pela maneira como procuraram sempre reagir aos empates obtidos pelos visitantes. Assim, de 1-1, passaram para 2-1. Depois dos 2-2, voltaram à posição de vencedores: 3-2. Surgiu terceiro empate e nova arrancada para... os 4-3 finais.

Classificação

FARENSE	31 pontos
Olhanense	30
Juventude	27
Portimonense	25
Atlético	24
Arroios	24
F. C. Serpa	23
Montijo	22
Desportivo de Beja	22
Coruchense	17
Almada	15
Portalegrense	13
Estoril	13
Montemor	8

Jogam hoje:

Almada-Olhanense; Serpa-Montijo; Portimonense-Coruchense; Arroios-Atlético; Estoril-Juventude; Portalegrense-Montemor e Farense-Beja.

CAMPEONATO NACIONAL DA III DIVISÃO

Moura, 2 — Lusitano, 1

Jogo em Moura, Arbitro: José Simões, de Évora.

MOURA — Rasquita; Oliveira, Garcés e Rola; Janeiro e Santa Maria; Costa, César, Vitorino, Amaro e Anibal.

LUSITANO — Gomes da Costa; Pescada, Antunes e Daniel; Padesca e Campos; Vitoriano, Marco, Parra, Araújo e Ludgero.

Marcadores: Vitorino, Anibal e Marco — j. e.

Outros resultados

S. Domingos, 1-Despertar, 0
Sambresense, 4-Aljustrel, 1
Silves, 1-S. Brás, 0

PREZADO ASSINANTE

O seu auxílio ao nosso jornal será valiosíssimo, se nos indicar um novo assinante!

ACOS

suecos de qualidade para todos os fins

serras • serrotes

E DENAIS FERRAMENTAS PARA AS INDUSTRIAS DE MADEIRA CORTIÇA CURTUMES E MINAS

fita de serra

KLOSTER

F. RAMADA, L.ª

OVAR

LISBOA • PORTO • AGUEDA • LUANDA

A ESTÁTUA DO INFANTE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

vila o mar e para além do mar as serras que a sua férrea tenacidade havia de descobrir, ainda após a sua morte.

Grande figura, lançada para além do que é humano, e por isso nódoas, ingratiões se lhe apontam a marcar o bronze do seu carácter. Nós não o podemos compreender em toda a pujança da sua plenitude.

Estive em Sagres e no tempo que ali demorei pareceu-me ainda ve-lo, alto, hercúleo, mão servindo de pala às reverberações do sol que lhe perturbavam o olhar e este sempre a perscrutar, a adivinhar, o que estava impedido aos outros homens.

Podem os tempos convulsivos, não se, pode a incógnita que pesa sobre os nossos destinos abrir-se em perspectivas não presentidas, que o nome do Infante há-de ficar e com ele o da terra que lhe foi berço.

Cruza-se em Sagres caminhos de todos os mares percorridos por frágeis barcos e por poderosos transatlânticos: as gentes que os povoam é a Ele que há-de ver no extremo da ponta agreste.

Não o queiramos trazer para uma praça de fantasias arquitectónicas — ali é que é o seu lugar.

A águia vive nas fragas da serra, libra magestosa e alta-neira pelos ares incomensuráveis e amesquinhamo-la, atraçamo-la, quando a metemos em gaiola mais ou menos larga.

Se há que erguer uma estátua ao Infante, e já demora muito que o façamos, o pedestal está ali na Ponta de Sagres. Nenhum mais próprio, nenhum mais certo. Foi ali que ele firmou os pés e reteceu a sua estatura.

O Infante é de Sagres como o assinala a História. Nasceu em Portugal, é Português, mas é de todo o Mundo. Foi ali que o Mundo o conheceu, é ali que anda o vé.

Erguerem-lhe a estátua para recreio dos bonifrates endominguados ou basbaques que o não compreendem é amesquinhar, atraçoar a águia, metendo-a na gaiola.

Trindade e Lima

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

Director

João A. Dias Pena

Editor e Proprietário

Armando R. Cruz

O AMPARO DA ARTE UMA CRÓNICA POR SEMANA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

domingos, são de carácter profana, pois a minha família prefere as missas religiosas, às 11 horas da manhã. A diferença é compreensível: a minha idade opta pela solidão; a idade dos meus pela multidão. Eu vejo-me no beco sem saída para a missa, cinema e futebol, esperando a carta de chamada e rezando ao deitar o conhecido verso de Antero do Quental:

— Conheço-a, sr. Sanders, para mal da minha Pátria!

Uma outra ocasião, perguntei-lhe se conhecia a vida do pintor Paulo Rembrandt seu compatriota. Comoveu-se e resumiu o seu pensamento nestas lacónicas palavras:

— Que grande pinhor e grande coração de artista!

Eu repliquei-lhe:

— E corajosa alma que trabalhou até aos 91 anos de idade! Os créditos promoveram-lhe um arrolamento judicial... E ele, impassível, assistiu a tudo, sem deixar os pincéis e as tintas, sem interromper o seu trabalho que o imortalizou e o deixou pobre...

A sua tela «Lição de Anatomia» repetiu-se com ele próprio, no seu atelier, em pleno labor mental... O seu amparo encontrou-o na Arte em que exprimiu figuras de um realismo cruel e em mulheres de uma paixão dantesca!

O meu amigo holandês, sentimental como eu, abraçou-me afectuosamente.

No passado Domingo deste friorento Janeiro, o carteiro trouxe-me a correspondência e um grosso volume vindo do Porto.

Interrompi logo as minhas cogitações a respeito da Holanda e do famoso Rembrandt, abri o livro e deparei com uma amável dedicatória ao meu nome, originada pelo meu artigo «Vocações Trocadas», incerto no «Notícias do Algarve» de Dezembro último.

As reflexões que eu faço aos

Domingos, são de carácter profana, pois a minha família prefere as missas religiosas, às 11 horas da manhã. A diferença é compreensível: a minha idade opta pela solidão; a idade dos meus pela multidão. Eu vejo-me no beco sem saída para a missa, cinema e futebol, esperando a carta de chamada e rezando ao deitar o conhecido verso de Antero do Quental:

— Silêncio, escuridão... e nada mais!

Este verso teve em tempo ido, um uso especial, de um professor do Liceu de Faro, para chancelar os alunos de compreensão lenta... Dois Directores de Liga Portuguesa de Profilaxia Social assinam a gentileza da oferta. Aqui mesmo lhes agradeço, com igual simpatia e devoção.

A Liga conheço-a de há anos, com o seu nome significativo e a sua orientação metódica. Sem pretender magoar ninguém, destaco dois nomes de estíma: Reinaldo dos Santos, professor de Medicina, operador e crítico de Arte, e Hugo Rocha, escritor e jornalista, que corresponde a dizer anatomista, viajante e paisagista.

O volume tem a rubrica «Conferências».

E é de conferências que o povo precisa, feitas por homens e mulheres superiores, como essas que a Liga tem aliciado para a sua evangelização científica, moral e social.

O Porto é para mim uma cidade extremamente atraente, pela cultura, civismo e democracia.

Em Lisboa, a vida tem ares de aristocracia e de gente nobre; o Porto, porém, trabalha e sente mais vibração patriótica, como se viu o ano passado, na visita da jovem rainha de Inglaterra.

O maior entusiasmo a caminho das Pedras Rubras, quando o carro a conduzia com o marido, no meio de palmas e saudações, o povo manifestou-se com o fervor e a fraternidade da sua alma impetuosa e sincera.

O manual que a Liga benemérita me ofereceu regressa brevemente ao ponto de partida. Vou remete-lo ao meu neto mais velho que está ultimando o seu curso na Faculdade de Engenharia do Porto.

E' novo, inteligente, curioso e aplicado, e nesse manual de vistas largas e intenções generosas, achará matéria instrutiva que suplantará todos os livros da moderna fãncaria literária italiana...

A idade e a doença já nada permitem que eu aprenda, com pesar o confesso.

Estou numa situação decadente que me leva a copiar os derradeiros meses de vida de três amigos queridos — Ernesto Cabrita, Teixeira Gomes e Falcão Trigo. O primeiro poetou em estudante e clinicou 48 anos em Portimão. Ao aproximar-se da morte, voltou a fazer versos; o segundo, prosador e crítico, subiu ao mais alto cargo da República, para o resignar aborrecido, voltar a escrever livros; o terceiro, atingiu o limite de idade, curvando-se perante a lei. Pintou amendoeiras em flor até a fantasia o embalar com os pincéis em punho.

Morreram, mas o sonho da sua Arte, riscando o coração, concedeu-lhes a suprema ventura do seu amparo consolador, como a

esse Rembrandt com faiscas de génio...

Gosto de escrever com probidade e por isso venho prevenir os dois ilustres Directores da Liga Portuguesa que o meu artigo «Vocações Erradas» saíu incompleto. Só a mim devo atribuir a falta. Trata-se de um lapso de memória, graças aos meus 80 e tal anos e ao coração doente. E' na passagem: «Em Portugal, no século passado, um pai impôs ao filho a ida para Lisboa a fim de estudar o curso médico».

O nome desse filho? Júlio César Machado.

Havia ao tempo em Paris um escritor chamado Gustavo Planche, muito considerado pelos fulgores do seu talento. Júlio César sabia que o pai de Gustavo o mandara para a capital francesa para se fazer médico. Imitou-o na sua desenvoltura.

Tornou-se um dos melhores folhetinistas da segunda metade do século passado. Também foi romancista, contista e crítico literário.

Deixou uma dezena de livros de feição alegre, que a sociedade do seu tempo leu e comentou lisonjaramente. Mergulhou em um drama sangrento por culpa de um filho boémio...

Do Porto conservo recordações amigas de José Sampaio (Bruno), Junqueiro e outros velhos e novos literatos. Marcharam já na voragem do tempo, seguindo as leis do transformismo...

Houve no Porto um poeta de combate, digno de apreço e respeito. Faleceu novo ainda, mas colocou-se na primeira linha de fogo contra o romantismo mórbido de Soares de Passos e de Tomáguas Ribeiro. Deixou uma obra pequena na qual o seu verbo de cantor tem lampejos de marcada beleza.

A lista da sua lavra é esta: «Ecos de Allubarrota», «O Mal da Delfina», «O Bispo» e «Heras e Violetas». Deste último volume, o seu talento poético eleva-se à altura de um Lamartine ou de um Hugo. Tenho-o na minha frente, edição de 1889, que a conservo como homenagem a esse Porto de gloriosas tradições patrióticas. Para remate, duas quadras em que a ideia do insigne poeta se harmoniza com o mármore da forma:

O homem é grande, e profundo
Seu génio, embora instantâneo;
Na curva daquele crâneo
Há muitas vezes um mundo.

É Mirabeau? Desgrenhado
Sobe, ululando à tribuna,
E já não resta coluna
Onde se encoste o passado!

Marcelo Algarve

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o País.

VENDE-SE

UMA MOTO MARCA «ARIEL»
com 350 c. c. de cilindrada
Informa-se nesta Redacção

O ALGARVE NO TURISMO NACIONAL

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

ra, e uma estância balnear que é um rochedo estranho — Albufeira.

Depois, a partir da orla marítima, em direcção às encostas das serras, é o barrocal, as figueiras, as amendoeiras e as alfarrobeiras.

São estas as áreas, sem contestação alguma, que emprestam ao Algarve as suas mais características atracções turísticas, em que predomina a mágica espectacular das amendoeiras floridas.

E' ainda no Inverno que mais atraente e sedutor se mostra o rincão algarvio. Coberto do manto alvíssimo das amendoeiras em flor, assemelha-se a outras regiões, onde a neve produz esplendores gelados.

Com todos estes encantos e seducções, o Algarve oferece, um cenário nevado, em meio de uma tepidez de verdadeira Primavera.

Não é apenas no Verão que as suas praias são procuradas e deleitam os apreciadores do grande Mar: pois que em todo o ano, no seu litoral, a branda temperatura e o mar remansoso convidam o turista a entregar-se ao prazer, sendo motivo ideal para o repouso de corpo e espirito.

Enquadrando estas características de paisagem e de clima com a policromia dos seus verdejantes campos, os mais variados, temos ainda as suas chaminés de um tipismo inextinguível que, com as suas famosas açoteias, são surpreendentes quadros de real «cubismo», dos mais inesperado efeito.

Aliando a tudo isto, o Al-

garve, em pleno inverno, possui um céu sem nuvens, o que constitui, por si, só, «Um dos mais atraentes e sugestivos cartazes turísticos da Terra Portuguesa».

Hoje, que o Turismo está na «Ordem do Dia», e que o Estado se dispõe a fomentar a riqueza que lhe traz para os seus cofres, apreciáveis receitas, da ordem de «Centenas de milhar de contos», como se diz no parecer sobre as contas gerais do Estado, de 1955, cuja indústria pode vir a atingir, nestes anos mais próximos, o bonito número de «um milhão de contos»; porque não se aproveita das vantagens que esta indústria pode trazer ao Algarve, valorizando o seu turismo?

A região algarvia é propícia à indústria turística e, como o turismo é uma indústria nacional, na sua exploração e valorização têm, portanto, de intervir os que podem concorrer para a sua prosperidade.

Não é tarefa fatigante.

A corrente turística estrangeira, que nos últimos anos tem afluído ao Algarve, não pode estancar.

Impõe-se, pelo contrário procurar avolumá-la, dotando esta linda região com bons e luxuosos hotéis e de pensões onde o conforto não seja palavra vã.

L. S. P.

«NOTÍCIAS DO ALGARVE»
VENDE-SE EM LISBOA
na Tabacaria Antunes & C.
Av. Almirante Reis, 22-C
(aos Anjos)

O RELÓGIO QUE DEVE USAR

ALTA CATEGORIA E PRECISÃO
INCABLOC - ANTI - MAGNÉTICO
REGISTO DE PRECISÃO
GARANTIDO CONTRA TODOS OS ACIDENTES

A VENDA EM TODAS AS BOAS RELOJOARIAS E OURIVSARIAS DO PAÍS

ADQUIRA UM «TELMAR»



les tem de activamente intervir, do mesmo modo que tem de assegurar a sua deslocação, através das vias convenientes, pela forma mais eficiente e económica.

As mercadorias, as matérias primas, as pessoas e os animais necessitam ser rapidamente transportados. A riqueza tem de ser salvaguardada e posta a criar nova riqueza.

Mas não basta que as vias estejam asseguradas e o material circulante satisfaça as exigências, é ainda imprescindível que umas e outras tenham sido obtidos com o menor dispêndio e que de igual modo sejam conservados ou substituídos, na altura própria. E' ainda preciso que os veículos transportadores, tanto quanto possível, e progressivamente, passem a ser produzidos no País para que parte da riqueza que dessa forma se escoar reverta em benefício da nossa economia.

Há uma carência absoluta de que as rodovias sejam rasgadas com os olhos nas realidades do presente e com largueza de vistos quanto ao futuro tendo-se sempre presente que os transportes serão cada vez numerosos e as unidades transportadoras cada vez maiores — porque só assim os transportes das pessoas, dos animais e das coisas poderá baratear-se.

Como consequência, haverá que intensificar sobremaneira a preparação de técnicos e mecânicos e bem assim aumentar e aperfeiçoar os seus conhecimentos.

Ninguém pode ignorar a formidável tarefa que nos espera e para a qual absolutamente carecemos de estar preparados. E' uma tarefa gigantesca, mas necessária, que não poderá conhecer desamínos, incompreensões ou derrotas.

Do transporte rápido, seguro, eficiente e económico dos materiais e dos produtos, há-de resultar um melhor comércio e uma melhor indústria. Se outro tanto acontecer com as pessoas, não só o turismo será facilitado, como os operários e os técnicos estarão onde e quando o desenvolvimento da Nação exija a sua presença, e a vida das pessoas será, desse modo, extraordinariamente facilitada.

Estas vitais realidades, tão importantes como a alimentação — e a própria alimentação depende dos transportes —, não podem nem devem ser encarados de ânimo leve.

O progresso de um país, antes de mais nada, avalia-se pelo grau de desenvolvimento dos seus transportes.

José dos Santos Marques

Seja económico
Poupe muito dinheiro
PREFIRA A
TIPOGRAFIA SOCORRO
FÁBRICA DE CARIMBOS

As oficinas gráficas que se impõem pela perfeição e esmero dos seus serviços, e equipadas com as mais modernas máquinas automáticas da Indústria Gráfica.
VILA REAL DE STO. ANTÓNIO
Telefone 69 Apartado 3